

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, FEVEREIRO/2013 - ANO XVI - Nº 193

Foto Arquivo Pró-Memória

EDITORIAL

Foi com surpresa que o mundo assistiu, no último dia 11 de fevereiro, ao Papa Bento XVI anunciar que renunciará ao Pontificado no final deste mês.

Jornais internacionais noticiaram a renúncia e sua repercussão foi imediata. Aos 85 anos, Joseph Ratzinger havia assumido o comando da Igreja Católica em 19 de abril de 2005, após a morte de João Paulo II. Aos 78 anos, Ratzinger foi um dos cardeais mais idosos ao ser eleito Papa. Em comunicado, ele atribuiu sua decisão à idade avançada e garantiu que está “plenamente consciente da dimensão do seu gesto” e que renuncia ao cargo por livre e espontânea vontade. “Depois de ter examinado repetidamente a minha consciência diante de Deus, cheguei à certeza de que as minhas forças, devido à idade avançada, já não são adequadas para exercer apropriadamente o ministério petrino”.

Esse gesto inusitado surpreendeu. Após o susto com a notícia, os fiéis passaram a admirá-lo pela coragem e pelo gesto de humildade e grandeza, reconhecendo-se incapaz de desempenhar a contento a missão de chefe supremo da Igreja. Mostrou honestidade consigo mesmo, lealdade à Igreja e coragem pessoal.

A partir da notícia de sua renúncia, tiveram início as conjecturas a respeito do novo Papa. Neste momento, a Igreja está precisando de um Papa que abra para o mundo, não apenas diplomaticamente para os líderes de outros seguimentos religiosos. A Igreja precisa sair de si e fazer-se povo. O novo Papa não precisa ser um grande teólogo, mas um bom pastor. Não precisa escrever grandes encíclicas e documentos. Documentos já os temos demais. Precisamos de quem nos fascine no seguimento a Cristo. O povo não lê, mas segue testemunhos. E os aplaude. Que tenha este perfil o Papa a ser eleito.

Os brasileiros aguardam que o novo Papa venha ao Brasil para a Jornada da Juventude. A Campanha da Fraternidade deste ano é considerada preparatória para a Jornada Mundial da Juventude, que ocorrerá no Rio de Janeiro em julho.



O papado é uma das instituições mais duradouras do mundo, e teve uma participação proeminente na história da humanidade. Para além da expansão e doutrina da fé cristã, os Papas têm se dedicado ao ecumenismo e diálogos inter-religioso, a trabalhos de caridade e à defesa dos direitos humanos.

O que temos oferecido aos nossos jovens?

Todos os anos, na Quaresma, a CNBB promove a Campanha da Fraternidade (CF). Esta campanha busca mobilizar vários setores da sociedade para um debate sobre questões sociais, propondo ou potencializando-as como pauta para sociedade.

Este ano, a CF tem como tema “Fraternidade e Juventude” e visa a acolher os jovens no contexto de mudanças de época, propiciando caminhos para seu protagonismo no segmento da doutrina cristã e na construção de uma sociedade fraterna fundamentada na cultura da vida, da justiça e da paz. Entre seus objetivos, busca sensibilizar os jovens a se tornarem agentes transformadores da sociedade, protagonistas do amor e do bem comum.

Vivemos em um mundo globalizado em que todos são afetados pelo que acontece em qualquer lugar. Onde havia valores e critérios que definiam dada realidade ou o modo de proceder, agora há uma abertura à experimentação. Neste contexto, a religião sofre um impacto ainda maior do que outras áreas, observando-se uma relação com o sagrado, sem vínculos com a Instituição.

Constata-se que o avanço tecnológico e as relações virtuais dentro de um sistema econômico neoliberal levam os jovens a pensar que o “ter” é mais importante que o “ser”. Este egoísmo fragiliza os laços comunitários e sociais. Para revertermos essa situação, a atuação do jovem na sociedade é de fundamental importância. Para seu crescimento, é preciso inseri-lo em grupos cul-

turais e lúdicos – quando bem orientados, não se deixam manipular. Os jovens, que até então recebiam passivamente as informações, passam a utilizar novas tecnologias, dominando-as. As redes sociais ganham considerável destaque. Nossos jovens não vivem mais sem os instrumentos tecnológicos. Comunicar não é apenas uma questão instrumental, mecânica; é inter-relacional, é vida. Os jovens hoje exigem cada vez mais falar e ouvir. Se, antes, os pais eram detentores do conhecimento, agora os filhos podem partilhar com eles o que descobrem a partir da interação na rede. Na educação os adolescentes e jovens passaram a ser coagentes e não meros espectadores. Os que crescem na cultura midiática acreditam firmemente que o planeta lhes pertence. São mais sensíveis à ecologia e percebem que a ameaça à natureza pode gerar insegurança. Quase que diariamente, os jovens são notícias em veículos de comunicação. Mesmo idealizados nos comerciais como modelos de beleza, de vigor, de saúde e de liberdade, nos noticiários são apresentados, muitas vezes, como violentos, desordeiros, libertinos e voltados às drogas. Faz-se necessário nos perguntarmos: o que temos oferecido aos nossos jovens? A que experiências eles são submetidos em suas famílias e instituições de ensino? Que propostas temos para apresentar a eles? Esse questionamento, porém, deve ser constante: a Campanha da Fraternidade não acaba com a Quaresma.

Imagem - Memória



No terraço da Associação dos Ex-Alunos, na Praça da Bandeira, o professor Laércio Azevedo, um dos fundadores da Escola Industrial Masculina, cercado por amigos e ex-alunos, em 1º de Abril de 1961.

Associação dos Ex-Alunos presta homenagem a um grande professor...

Por muito anos, um bem dimensionado espaço na sociedade de Piquete foi marcado pela Associação dos Ex-Alunos do Departamento Educacional (DAE) da Fábrica Presidente Vargas. Criada em 1947, esta entidade recreativa, cultural e filantrópica tinha o firme propósito de trabalhar pelo bem-estar da coletividade numa visão cívica complementar aos ensinamentos ministrados aos alunos nos diversos cursos do DAE.

A Associação dos Ex-Alunos era um espaço voltado para a discussão e para estimular o amor a Piquete, ao trabalho e à família. Inúmeras foram as atividades promovidas por ela ao longo dos anos. Quando de sua instituição, foi seu primeiro presidente o professor Laércio José de Azevedo. Um dos criadores do Aprendizado Industrial da Fábrica, embrião da Escola Industrial. Após a instalação desta escola, vários outros cursos foram criados, beneficiando gerações de piquetenses com o que de melhor havia em educação no país. Utilizando-se dos mais modernos métodos pedagógicos, o DAE proporcionava atividades escolares e extra-escolares aplicadas por meio de instituições como cooperativa escolar, centro cívico, clube musical, clube pan-Brasil, rádio difusora, clube de saúde, banco escolar, aeromodelismo, jornal "O Profissional", clube de leitura, clube recreativo...

Na presidência da Associação dos Ex-Alunos o professor Laércio Azevedo foi uma luz a nortear caminhos e estimular ações que visavam ao trabalho conjunto entre seus alunos. Sempre calmo, conciliador, todos que tiveram o privilégio de conviver com ele, quer recebendo suas lições, quer ouvindo seus conselhos, podia-se chegar ao postulado de que todos os mestres devem imitá-lo se quiserem colher bons resultados. Sua maneira de ensinar era o que havia de melhor: surtia efeito e cativava amizades. Músico multifacetado, dominava diversos instrumentos e, com facilidade, organizava e regia um coral com centenas de participantes. Foi com tristeza que ele teve que deixar o Departamento Educacional – aprovado em um concurso público, foi lecionar em Itapetininga. No entanto, mesmo distante, não esquecia Piquete e a amizade de seus ex-alunos. Todas as vezes que aqui estava, era recebido com festas por seus colegas professores, músicos e diversas famílias com as quais estreitou laços de amizade. Numa dessas visitas, foi homenageado na sede da Associação dos Ex-Alunos. A cerimônia aconteceu na tarde do dia 1º de Abril de 1961. Para demonstrar seu regozijo pela presença do mestre dos mestres, como a ele seus alunos se referiam, foi recebido com calorosa e prolongada salva de palmas, que

o emocionou, bem como à sua mulher e filhos. Seguiu-se, então, uma concorrida reunião. O salão do Ex-Alunos estava lotado. Foi saudado pelo ex-aluno Eurico Fernandes Filho, que recordou a origem e a fundação do Patronato da Fábrica, quando para cá veio o professor Laércio, a fim de lecionar Música. Como demonstrou, porém, ser detentor de grande capacidade, logo passou a ensinar Português, Matemática, Desenho e Tecnologia Mecânica, além de transmitir sólido exemplo de moral e responsabilidade a seus alunos. Ao terminar sua oração, o mestre Eurico entregou ao professor Laércio, em nome dos Ex-Alunos, um álbum da cidade. Para retribuir as gentilezas, o homenageado agradeceu pela acolhida que lhe era tributada todas as vezes que em Piquete comparecia, dizendo, ainda, da sua satisfação em pisar terras da Manti-queira. Encerrando, pediu que fosse renovado o brinde, estendendo a homenagem a todos que trabalharam com ele durante a fundação do Ensino Médio em Piquete. Citou, como exemplo, Willy Vieth, professores Augusto Ribeiro de Souza, Miguel Kruse Médice, João Evangelista do Prado, Pedro Mazza, José Geraldo Evangelista e o general José Pompeu Monte.

Após a reunião, uma animada confraternização se estendeu até tarde da noite..

GENTE DA CIDADE

Farouk

José Farouk Raffoul Mokodsi nasceu em Piquete, em 19 de outubro de 1945. Provenientes da Síria, seus pais chegaram ao Brasil desembarcando no porto de Santos, em 1938. Ndras Naef Raffoul Mokodsi e Anne Nacke Mokodsi estabeleceram-se, a princípio, em Lorena. Logo em 1942 mudaram-se para Piquete, onde instalaram, na Praça da Bandeira, um amplo e bem diversificado estabelecimento comercial, a “Casa André”, mais tarde “A Princesa do Norte”, onde vendiam tecidos e armarinhos. A família residia em uma casa ao lado do estabelecimento comercial. O casal teve nove filhos: Badih, Mari, Laila, Antônio, Farouk, Davi, Judith, André e Regina.

Farouk iniciou seus estudos no Jardim da Infância do Curso de Aplicação Duque de Caxias. Dessa época ficaram na memória o zoológico e a professora Letícia (Maria Loetitia Frota). Foi alfabetizado pela professora Gessy Junqueira. A Praça da Bandeira de sua infância era muito movimentada – no final da tarde era grande o número de operários e de soldados do Contingente. O sossego da cidade era quebrado quando boiadas com centenas de animais, vindas de Minas, passavam em disparada, em direção a Cruzeiro. “Era um bater de cascos e chifres que dava medo!”, diz... Essas lembranças ficaram na poeira do tempo.

Em 1953, a família mudou-se para Piracicaba. Depois, para São Paulo, retornando a Piquete em 1961. Nesse retorno, seu pai reabriu a Casa André em outro local: à avenida Luiz Arantes Júnior. Farouk estudava em Lorena e, no período livre, ajudava nos trabalhos da loja.

Tendo concluído o segundo grau no Colégio Arnolfo de Azevedo, cursou, simultaneamente, as faculdades de Direito, em Taubaté, no período da manhã, e Geografia, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em Lorena, à noite. Formado, foi aprovado em concurso público e passou a lecionar, a partir de 1968, no recém-inaugurado Colégio Estadual Guimarães Rosa. Suas aulas eram muito participativas – os alunos se identificavam com o jovem professor. O diretor à época era o professor Roberto Rício. Convidado por Christiano Rosa para se filiar à Aliança de Renovação Nacional (ARENA), candidatou-se e foi eleito vereador em 1968, tendo sido, inclusive, presidente da Câmara.



ra. Foram seus companheiros no Legislativo municipal Antônio Abreu, Nourival Crispim, Almor Ferreira, Benedito Luiz Gonçalves, João Gomes de Souza, José Leonardo Nogueira, Manoel Pedro Espíndola, Oswaldo Peixoto, Paulo Ribeiro de Aguiar e Vítor José da Silva. Nessa legislatura, foi inaugurado, na rua do Piquete, junto ao ribeirão Benfca, o prédio que passou a sediar a Prefeitura e a Câmara municipal.

Apaixonado pela geografia urbana, Farouk continuou seus estudos cursando, entre 1974 e 1975, pós-graduação na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Passou, então, a lecionar em faculdades de Lorena e Cruzeiro.

Entre os anos de 1983 e 1988, pela segunda vez ocupou o cargo de vereador no Legislativo de Piquete. Ressalta que a mais expressiva cerimônia da qual participou foi a da entrega do título de Cidadão Piquetense a Dom Paulo Evaristo Arns, então cardeal arcebispo de São Paulo. “Fui à Cúria em São Paulo para convidá-lo para vir a Piquete... E ele veio”. A Matriz de São Miguel, lotada, foi palco dessa cerimônia, que ficou na história do município.

Em 1981, casou-se com Maria de Lourdes

Godoy. Tiveram um casal de filhos. Aposentado, foi Secretário de Educação em Cruzeiro. Atualmente, trabalha como consultor para prefeituras de pequenas cidades. Apesar de residir em Cruzeiro, vem frequentemente a Piquete. Diz que, observando a cidade, se sente triste quando, ao passar pelas ruas, não encontra crianças. Sente falta do alarido dos anos 60 e 70 e do grande número de jovens se dirigindo às escolas.

Sobre esmolas e políticas públicas...

Prof. Evelize Chaves

Uma sociedade carente de políticas públicas voltada aos menos favorecidos fatalmente assistirá a seus cidadãos pedindo esmolas para sobreviver. A esmola deve ser dada num ato de caridade somente quando todas as alternativas falharem. O poder público deve garantir dignidade àqueles que, por razões transitórias, passam por problemas.

É comum assistirmos famílias que se desestruturam por doenças, tragédias ou falta de emprego; caso o poder público falhe, resta a muitos recorrer a esmolas. Neste triste momento, o indivíduo leva consigo a humilhação, o rebaixamento à condição de favor; ou seja, junto com o ato da caridade está implícito o ato da vontade: dou porque quero, não tenho obrigação.

Com a esmola o direito acaba e o necessitado perde a condição de ser humano, sujeito de direitos, e passa à condição de objeto, que vai receber algo dependendo da vontade de quem dá ou de quem a administra – é o assujeitamento que nos aponta Foucault em suas obras. Com os direitos, o cidadão requer o que lhe cabe e não fica na dependência de outro, que, muitas vezes, usa de critérios falhos: dá somente a quem vê ou a quem está mais perto e nem sempre a quem mais necessita.

A manutenção de políticas públicas sociais estáveis, além de garantir direitos, garante, também, a universalidade do atendimento, ou seja, o benefício tem que atingir a todos que dele necessitam. Não podemos, a exemplo de outras administrações, beneficiar de forma desigual, permitindo com isso o aparecimento de cidadãos humilhados dependendo exclusivamente da esmola dos lares a que se dirigem.

Neste momento em que se muda a administração do município, é imperativa a criação de políticas públicas que assistam as crianças, idosos, doentes e desempregados, papel que cabe fundamentalmente à Secretaria da Promoção Social. É necessário um cadastramento real das famílias carentes de nosso município que lhes garanta respeito e dignidade.

Como afirma Alda Marco Antônio, ex vice prefeita de São Paulo, “A esmola só serve para deixar em paz a consciência de quem dá. Ainda assim, a paz é falsa.”



O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

Sobre a Consciência Negra

O dia 20 de novembro foi consagrado como o dia da consciência negra, ou seja, do reconhecimento da importante contribuição que os negros deram para nossa língua, cultura e formação nacional.

O projeto político do feriado foi apresentado à Câmara Municipal de São Paulo, que, aprovado e depois estendido, reconheceu como de direito a questão negra referenciada nesta data pelas ações de Zumbi, o escravo negro fugitivo, ao qual é atribuída a liderança na concentração dos quilombos na localidade de Palmares, na Paraíba. Movimento duramente combatido pelas forças militares, é simbólico da resistência dos negros à escravidão, ou, mais precisamente, aos maus-tratos infringidos pelos feitores em nome da ordem senhorial.

Destruída a concentração de Palmares por lutas renhidas e citadas na crônica enriquecida pelo imaginário, tornaram Zumbi herói sacrificado a ser cultuado. Mistificado, Zumbi dos Palmares tornou-se bandeira de movimentos negros, memória de lutas, motivação literária e poética, ou seja, objeto de prosa e poesia, além de justificativa de cunho político para movimentos de resistência em geral.

As interpretações variam na temática do movimento Palmares e entre as lendas e a documentação abre-se um imenso painel enriquecido de teorias e novas ideias. Afinal, não existe a chamada “verdade histórica”. No Brasil, a questão ligada ao escravismo no largo espectro entre a colônia e a monarquia passou a receber recentemente mais atenção e rende muitos trabalhos, dado que nossos currículos escolares nos diferentes níveis, passaram a contemplar a história africana e os problemas derivados dela, ou a ela concernentes, como fundamentos

culturais.

Pesquisas mais acuradas sobre D. Pedro II dão-no como “imperador-republicano” ou cidadão, o que parece paradoxal para um



soberano fruto de dinastias europeias nascidas no Antigo Regime, embora já bafejada pelo constitucionalismo.

Estudos modernos focalizados no Imperador dão-no como abolicionista declarado e mesmo adepto de ideias republicanas.

Daí não ter oferecido resistência quando a república foi proclamada e exigida sua retirada com a família do Brasil. Foi também dado como “filósofo” e intelectual embora tenha deixado a nação com 80% de analfabetos.

A retomada da figura de D. Pedro II como despidido dos preconceitos de seu tempo quanto aos negros é o registro de que um dos grandes lutadores da Guerra do Paraguai (1865 – 1870) privava de relacionamento com o Imperador – o baiano negro elevado à categoria de oficial honorário do Exército por ter lutado bravamente, Cândido Fonseca Galvão, ou “príncipe Obá II d’África”. Tal título, por ser neto do imperador africano, cujo filho fora escravo no Brasil. Este nobre africano D. Obá II, guinado à importância de ser recebido pelo imperador, defendia os direitos dos negros pelo fim do

uso da chibata e pala abolição que poderia dar “igualdade racial” aos descendentes de escravos. Consta que era “adorado pelos negros libertos e malvisto pela elite que o desprezava” (citação de Lorenzo Aldé em Reportagem de Capa – “Revista de História da Biblioteca Nacional – novembro 2012).

Por sua vez, cogita-se que se a princesa Isabel assinou a Lei Áurea recebendo, por isso, o epíteto de “A Redentora” se deve ao entendido motivo pelo qual a princesa e seu pai cultivavam a ideia abolicionista, a despeito das pressões do Senado e da Câmara. Daí o imperador ser considerado como ponderado e conciliador quando se tratava da emancipação dos escravos. À pergunta de “como emancipá-los gradualmente pela lei”, no final do século XIX, o Imperador contrapunha a consideração de que, com 30 anos de trabalho, os de 60 já estariam livres, mas os de 30 teriam de oferecer 30 de trabalho, o que levaria, a partir da data do documento oficial para esse fim, à constatação de que o último dos inscritos somente conseguiria sua liberdade em 1931.

Ao Imperador, segundo seus rascunhos guardados no Museu Imperial em Petrópolis, “seria muito tarde”. Questões como essa emperravam o processo emancipatório. Na complexidade da análise documental, os conceitos consagrados perdem validade.

Os novos trabalhos sobre D. Pedro II fazem repensar o Brasil pelas contradições que cercam a organização do Estado e da nação, que, manipuladas pelos historiadores vinculados a estereótipos, fizeram consagrar algumas afirmações que até hoje são usadas como verdades absolutas. Que não o são.

Dóli de Castro Ferreira

Vera Junqueira

Em seu leito de flores, todas brancas, serena e adormecida para a grande viagem, jazia Vera.

Nela, contidos os sonhos que conosco partilhou na juventude, quando ela, o sorriso sempre pronto, como nós, as outras meninas, tecíamos com esperança e expectativa um mundo futuro que seria sempre feliz. Que também nos parecia eterno, sem desgastes e sofrimentos, sempre luzente, alimentado dos calmos dias quando lá pelos meados do século passado tudo se nos apresentava tranquilidade, equilíbrio, calma e nos convidava ao passeio sobre as águas tranquilas de um rio imaginário e sob pontes luminosas indicadoras de etapas que se sucediam. As imagens que construímos

em nossa adolescência eram variadas, pois as tirávamos de nossas pequenas experiências. Aceitávamos a vida segundo ela nos parecia, cheia de códigos e interditos, mediada por festas e frequência à escola. Esta, sim, era nosso mais forte encontro social. Ali imitávamos o mundo dos adultos. Até que, de repente, chegou o tempo de partir. Cada um seus caminhos, para desvendar algo misterioso, mais amplo e mais rico de variações, seja no nível do experimental, seja no nível do sonhado. A frente se mostrava incerta. Arriscamos. Cada uma de nós vivenciou um tempo de realizações.

Agora ali, frente à Vera, tudo parece claro, enigmas resolvidos, sonhos realizados de alguma forma e um travo de saudade por

tudo que fomos na grandeza de uma etapa de deslumbramento que Vera leva consigo como tesouro oculto e herança inesquecível. O que vivemos fecha-se no álbum das recordações como chave de ouro, corações enfileirados, páginas de recordações, poeira de emoções e uma infinita saudade que só o brilho da luz de Vera, emanado, nos anuncia como foi bom partilhar o tempo da memória que hoje chora em cada esquina em que Vera passa a caminho da agora real eternidade. Translúcido da plenitude da luz, o rosto de Vera expressava grandeza e paz.

Dóli de Castro Ferreira

Piquete, 4 de fevereiro de 2013.



Reprodução

Não custa ser cordial

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Em uma viagem de trabalho, cheguei para embarcar e, com fones de ouvido, não cumprimentei a atendente que, solícita, me pedia permissão para checar a bagagem. Percebi a tempo minha descortesia e falei: “Desculpe-me! [por não a cumprimentar] Bom dia!”. Surpreendi-me com sua resposta: “Olá! Bom dia, senhor! Não se preocupe. Estou acostumada”.

Aquela situação me fez pensar em nossos relacionamentos diários. O que faz uma pessoa se acostumar com a falta de cortesia? Por que aquela senhora – mais agradável que muitas outras atendentes – se acostumou a ser praticamente ignorada? Sempre me preocupo em ser educado com as pessoas, em respeitar quem quer que seja. Acho que um sorriso discreto, um menear de cabeça, um “bom-dia-tarde-noite” é o mínimo de respeito a ser demonstrado para com alguém. Estendi meus pensamentos, então, à realidade em que vivemos, na qual a violência vem grassando. Se nos respeitássemos mais, talvez nos estressássemos menos, ofendêsemos menos, matássemos menos... E seríamos mais felizes... Divaguei, ainda, pelo atendimento comercial em todos os ramos. Neste caso, uma atitude de desrespeito ou desprezo com o cliente – que, na maioria das vezes, tem outras opções – fará com que ele não retorne... Um atendente mal-humorado, um recepcionista desatencioso são venenos para qualquer negócio... Pensem no turismo... Lembro-me de uma situação bem típica: eu e minha sobrinha estávamos em uma loja de “souvenirs” em um conhecido centro turístico; a atendente dormia numa cadeira e assim permaneceu após nossa entrada... Vocês acham que compramos algo naquele estabelecimento?

Qual o custo de ser cordial? Qual a dificuldade em ser atencioso com nossos interlocutores? Infelizmente, estou certo, muitos desses que desconsideram a presença de uma atendente no aeroporto estenderiam tapetes e se desmanchariam em atenções para um “diretor de qualquer coisa”. Concluo, portanto, que a questão não é somente de stress, de correria, de “estar desligado”... É uma questão de valores, de caráter, de puro preconceito social.

Tomando como exemplo o meu caso, é claro que o mesmo acontece, por vezes, em sentido contrário: ser tratado como um número por atendentes diversos seja em rodoviárias, hotéis, aeroportos, restaurantes... Nossa melhor arma – experiência própria – é ser solícito com quem não nos dá importância. É o chamado “tapa de pelica”... Funciona na maioria das vezes...

Bem... É um assunto longo... Minha meta foi registrar meu constrangimento quando não respeitei um ser humano que me atendia. Sugiro a todos que se avaliem... Vivemos em sociedade, precisamos uns dos outros. Vamos nos respeitar. Vamos nos amar. Nossas vidas e nossas comunidades serão melhores, estejam certos.

Nós também somos homens mortais como vocês

A renúncia do Papa Bento XVI, apresentada ao mundo no dia 11 de fevereiro causou grande surpresa até mesmo em seus colaboradores mais próximos. Embora fosse público e notório que a saúde do Pontífice vem se fragilizando devido à sua idade avançada, ninguém podia supor que esse seria o desfecho de seu ministério diante da Igreja.

Muitos cristãos ainda não compreenderam o que ocorreu. A imagem do Papa João Paulo II sustentando seu báculo com extrema fragilidade até o derradeiro momento reforçou o paradigma de que o papa deve exercer seu ministério até a morte.

Ao longo dos séculos, o papado foi se tornando, progressivamente, o centro do cristianismo. Com o passar do tempo, sua importância foi aumentando, a ponto de muitos cristãos, inadequadamente, verem nos papas figuras divinas. O Papa é o Bispo de uma diocese especial – a Diocese de Roma. Por tradição, essa Igreja Particular tem uma precedência sobre as demais igrejas, as diversas dioceses espalhadas pelo mundo. O Bispo de Roma, conforme a tradição, sucessor do Apostolo Pedro, a quem o Senhor confiou o dever de apascentar o seu rebanho, possui um ministério especial: além de ser bispo de sua diocese, exerce também um pastoreio universal sobre as demais igrejas particulares, sempre em comunhão com os bispos diocesanos. O pastoreio universal exercido pelo Papa promove a unidade e a comunhão entre as diversas Igrejas Particulares – as dioceses – e favorece a conservação da fidelidade à doutrina transmitida por Cristo.

O ministério exercido pelo Papa na Igreja é necessário e indispensável exatamente por isto: o papado deve ser objeto de constante reflexão dos cristãos, a fim de que não nos distanciemos da prática querida por

Cristo ao incumbir o Apostolo Pedro de apascentar suas ovelhas. No capítulo 14 de Atos dos Apóstolos há uma bela narrativa na qual Paulo e Barnabé, após a cura de um paraplético, são aclamados como deuses pelo povo de Listra. “Vendo o que Paulo acabara de fazer, a multidão exclamou em dialeto licaônico: os deuses descenderam entre nós em forma humana! Chamaram Barnabé de Júpiter e Paulo de Mercúrio”, os sacerdotes de Júpiter, e a multidão queria oferecer touros ornados, em sacrifício. “Ao saber disso, os apóstolos Barnabé e Paulo rasgaram as vestes e foram para o meio da multidão, gritando: homens, o que vocês estão fazendo? Nós também somos homens mortais como vocês.”

A renúncia do Santo Padre foi um ato de grandeza e coragem que força toda a Igreja a refletir sobre a função e a natureza do papado. A partir do dia 28 de fevereiro, Joseph Ratzinger deixará de ser Papa e será Bispo emérito de Roma, semelhante a muitos outros bispos eméritos de diversas dioceses do mundo. Ser Papa é exercer um ministério, um serviço na Igreja; não é um sacramento irreversível. Assumindo publicamente sua exaustão e consequente incapacidade de levar adiante o exercício de seu ministério, o Santo Padre, de certo modo diz ao mundo e aos cristãos as mesmas palavras ditas pelos apóstolos Paulo e Barnabé, no início da pregação do evangelho: nós também somos homens mortais como vocês! Com essa atitude humilde, o Papa Bento XVI encerra seu brilhante Pontificado deixando um rico legado espiritual, pelo seu testemunho e por suas homilias, catequese, pronunciamentos e escritos.

Rezemos para que tenhamos logo um novo Papa, e que ele seja um bom Papa.

Pe. Fabrício Beckmann

Crônicas Pitorescas

A possessiva

Palmyro Masiero

Dona Florinda tinha pouco mais de metro e meio de altura. Todavia, o que faltou pra riba entusiasmou-se pras bandas: cento e oito quilos de substância humana. Sem dúvida, a antipropaganda dos esteticistas, nutricionistas e criadores de método de emagrecer, pois de todos tirou a credibilidade – inclusive de velhas simpatias e pontos de pais de santo...

Na mesma proporção do espaço ocupado por ela como sólido, tomava o de comando na chefia da casa. Fora casada com o Genaro durante mais de trinta anos e, do “sim” dito na igreja à última lágrima caída sobre o caixão do extinto, jamais deixou de ser a suprema decisora da vida familiar. O galo do terreiro. No bom sentido.

Já o falecido Genaro, com seu metro e setenta da sola ao cocoruto, fora inveterado devedor pra balança. Verdadeiro pau de virar tripa! Tão magro que, se estivesse na rua e desse um pé de vento, tinha que se segurar na mulher ou viraria super-herói voador.

Era tão descarnado quanto manso... Calma aí, parceiros! Nada de pensamentos rasos. Manso de docilidade, de sossegado, de tranquilo. O que d. Florinda decidiu decidido estava. Ela não só tomava as decisões como as executava. Logo, preferível ser domado.

Genaro fora dono de uma casa de negócios e sua vida inteira praticamente foi passada ali dentro. Com sua voz calma e ações idem, atendia a freguesia. A comerciante, em realidade, era a esposa: era ela quem processava as compras, os pagamentos, tratava com os contadores e daí pra fora. Para poder agir livremente, acabou tendo a loja e a conta bancária passadas para seu nome. E dessa primeira medida, o resto veio vindo naturalmente: o telefone, a casa de praia, o sítio, os títulos de sócios de diversos clubes e o comando do lar. Genaro acomodado na compassiva condição de complemento daquela vida. Aceitava, por índole.

Reclamava sempre de dor de estômago,

de barriga, que tudo que comia lhe fazia mal, problemas engabelados por paliativos. Tempo correndo e o funcionamento rateado dos interiores piorando... Um médico, exames, receitas e – coitado do Genaro –, mais abstinência do que anjinho de igreja, foi ter justamente aquela doença que tem gente que não ousa nem falar o nome e outros se persignam ao ouvi-lo bem no fígado. Um bandido dum maligno estava corroendo suas minguadas entranhas. Da descoberta ao suspiro final não se passaram três meses. Foi bem encomendado. Cheio de gente no seu último desfile. O caixão pesava mais do que o que continha. Lá ficou com terra em cima e um número fincado na cabeceira. Mais tarde, a dedicada Florinda construiria um túmulo.

A esposa enlutou por um mês; depois, a vida tem que ser tocada... O movimento na casa de negócios melhorava a cada dia e o tempo de visitas à tumba do marido rareando. Chegou a um espaço de dois anos sem dar uma choradinha por lá.

Lembrou-se do dia do aniversário que faria o Genaro se cá estivesse e resolveu orar um pouco sobre o lugar onde estancara de vez. Mas não conseguia localizar o túmulo do marido. Como progredira o cemitério! Procura, procura... E nada. Resolveu chegar ao responsável pelo loteamento dos imóveis, saber exatamente o número e quadra onde encontraria seu ex-marido. O burocrata dos defuntos procurou nos livros e nada de Genaro Buonaventurelli:

– Não há ninguém registrado com esse nome, minha senhora.

– Tem que haver! Ele foi enterrado aqui há uns dois anos!...

O homem ali fez outra leitura mais atenciosa:

– O único Buonaventurelli que existe aqui está com o nome de Florinda...

– É esse mesmo! – exclamou-se.

E, justificando-se:

– É que está tudo no meu nome!...

Pai Nosso!

Edival da Silva Castro

Deus, na sua suprema benignidade quis testar a fé dos homens.

Para isso, apareceu em sonho a um mancebo de dezoito anos.

– Meu jovem, vou fazer-lhe uma proposta. Você deverá, porém, ater-se a um compromisso: “Todos os dias você deverá rezar um Pai Nosso. A cada Pai Nosso rezado, vou-lhe aumentar um dia da existência. O dia que deixar de rezar abaterá esse dia. Consequentemente, morrerá velhinho ou muito jovem”.

E o mancebo contentou-se no sonho.

Era, de fato, uma proposta de pai para filho. Ao acordar, pôs-se a rezar.

Na sua vida atribulada de jovem – estudar, divertir-se, empregar-se, namorar, casar, criar filhos... –, esqueceu-se de Deus.

Estava com quarenta e tantos anos quando sofreu um mal súbito. Lembrou-se, então, do sonho...

Teve que recorrer a Deus:

– Senhor, Senhor! Passei esse tempão sem rezar... E agora?

– Ainda bem, meu filho, que você se lembrou na hora exata. Daqui a dois dias iria morrer. As vicissitudes da vida fizeram-no Me abandonar. Todavia, não o culpo.

– Senhor, perdoa-me! Daqui para frente jamais deixarei de rezar. Vou repor o tempo perdido.

Dizem que nunca é tarde para as coisas do Senhor.

(...)

– Pai Nosso, que estais no céu...

O ESTAFETA - 16 ANOS



O ESTAFETA entra neste fevereiro de 2013 em seu 16º ano de circulação ininterrupta. A equipe de editoração sente-se honrada em proporcionar aos piquetenses e amigos leitura que promove a cidadania por meio da história e da cultura.

A direção do Informativo agradece a todos os colaboradores pelos artigos e pelo trabalho incansável que garante a qualidade de suas edições.



Acesse na internet, leia e divulgue o informativo

“O ESTAFETA”

www.issuu.com/oestafeta

ou

www.fundacaochristianorosa.cjb.net

Equilibrium

A linha que delimita e serve de fronteira para nossas ações, sentimentos, razões, fé, atitudes, omissões, entre tantas questões com as quais nos deparamos todos os dias, sempre foi muito tênue, muito fina, a ponto de, algumas vezes, perdermos a dimensão e o alcance daquilo que realmente deve ser limitado ou direcionado.

Essa linha recebe muitos nomes, as mais variadas definições das diversas áreas de estudo nela interessadas, mas, no fundo e em última análise, é nosso caráter e nossa formação que nos apontam o norte e nos permitem isso ou aquilo, ou não admitem essa ou aquela conduta ou até mesmo a falta de conduta.

Com o passar do tempo, a linha, que já era tênue, frágil, quase invisível, está, a cada momento, se tornando algo finíssimo, diria mesmo imperceptível, a ponto de, muitas vezes, não encontrarmos palpável e materializada a tal linha divisória, delimitadora. A ela chamamos de corda bamba, em que, de alguma forma, vivemos nos equilibrando ou, ao menos, tentando nos equilibrar.

Em todo momento, a cada tomada de decisão, a cada ato que fazemos ou deixamos de fazer, procuramos visualizar essa linha delimitadora para tentar medir quanto nossa conduta está dentro do equilíbrio desejado. Quanto foi que a corda bamba que nos sustenta não pendeu, nem muito nem

pouco, para um lado ou para outro.

Resolvemos a questão de forma correta? O caminho é esse mesmo? Fizemos ou deixamos de fazer algo porque era o jeito mais acertado de resolver o problema? As dúvidas nos assaltam, nos tiram o sono e nos cobram cada posição tomada. Cobramos posicionamentos definidos enquanto nós mesmos, muitas vezes, questionamos cada ato, cada palavra. O ser humano está sempre em mutação, questiona tudo, tem dúvidas inimagináveis e, na maioria das vezes, não sabe como resolvê-las a contento.

Como, de que forma, então, encontrar o equilíbrio necessário e desejado entre ações, direcionamentos, tomadas de decisões, caminhos, omissões, distanciamentos? Há uma regra a ser seguida? Há um roteiro que nos aponte todas as saídas?

Não. Não encontramos resposta pronta para isso; não estamos aptos a dar um veredito definitivo que demonstre que encontramos e estamos fazendo uso do equilíbrio tão almejado, tão desejado e perseguido pela humanidade.

Há um embate, uma luta ferrenha dentro de todo ser humano entre ter fé ou usar só a razão; entre a ação e a omissão, que, muitas vezes, disfarça nossa covardia em assumir posições; entre o ser e o ter; enfim, entre as escolhas que são feitas em detrimento de outras.

Talvez essa atração pelo equilíbrio seja, em si mesma, a busca pelo norte, pela linha delimitadora, pela dúvida, já que nada temos de concreto que nos garanta que o caminho está correto, sem percalços, sem desvios.

Não temos como tomar um elixir futurista de equilíbrio que nos mantenha sempre sobre essa linha frágil, que nos garanta que não existirão dúvidas, receios, sentimentos, e vontade de, algumas vezes, provocar o desequilíbrio de forma proposital.

Mesmo que as nossas mentes, na tentativa de ficar no meio, conscientemente ou desequilibradamente, repitam para si mesmas os versos de Yeats: “*Eu estendi meus sonhos sob os teus pés. Caminha suavemente, pois caminhas sobre meus sonhos*”. Não, nem assim, porque, no final, somos nós os guardiões desses sonhos.

O humano em nós, para continuar sendo humano, não pode pisar nos sonhos de ninguém, quanto mais naqueles que foram estendidos, como um tapete, sob nossos pés. Se assim for, a humanidade estará transpondo, de vez, a linha quase invisível, mas que ainda se preserva, a qual reconhecemos como limite e objetivo desse equilíbrio tão vacilante, que facilmente se quebra, mas que nos mantém humanos e um pouco mais próximos do divino que buscamos.

Eunice Ferreira

Ah! Que saudade!

Saudade da coluna do Chico Máximo, quase sempre na 6ª página!

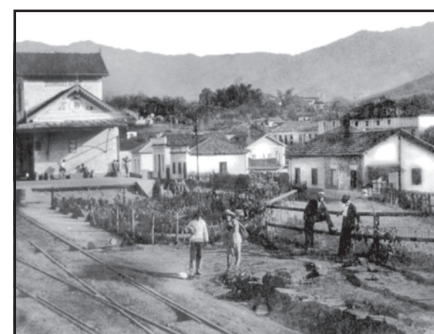
Ah! Tão bem escrita. Tão na medida certa. Crônicas suaves. Brejeiras. Sensíveis. Afetivas. Apropriadas ao momento: uma dor, uma saudade, um reconhecimento, a manifestação de afeto ou das particularidades de uma cidadezinha chamada Piquete – uma joia aos pés da Mantiqueira – que podia ser um pouso, uma passagem ou a morada de pessoas de diversas origens. Aos olhos do cronista, em qualquer situação, sempre foi humana, acolhedora, amiga, parceira. As crônicas iam falando como ecos, como sons ecoando no tempo e flagrados pelo cronista atento, cuidadoso, cortês. A delicadeza não estava nos episódios em si, estava na maneira de dizê-los, de conta-los. Dono absoluto da linguagem, maestro refinado dos ritmos, hábil manejador de pincéis no trabalho das cores e formas, soube captar a essência de pessoas, fatos, situações, paisagens. Falou sempre do que estava impresso na

alma, de alguma maneira. O escrever parecia um processo de desconstrução da memória: ia saindo aos poucos, em doses homeopáticas, com imagens que abrandavam o tempo, curavam a alma. Ia saindo do escuro túnel do tempo para a luz, para o não esquecimento, para o desvelamento necessário quando se respeita o passado e valoriza o ser humano e suas obras. Carregada de poesia, a escrita fluía com encanto, emoção, compromisso, fazendo fruir sentimentos que nos aproximam do divino. Conseguia valorizar o banal, o comum, o sem importância. Da mesma forma, destacava o escondido, o oculto, o encoberto, o secreto, com habilidade tal que parecia “possuir” aquilo que tocava. E o descoberto recebia o tratamento devido: o olhar arguto e contemplativo ao mesmo tempo, capaz de abarcar o universo dos fatos e das pessoas, conseguindo reconstruir a rede das relações, dos afetos, do patrimônio material e cultural, enfim, a vida do lugar.

Tão aconchegantes e verdadeiras, as crônicas fisgaram os leitores para sempre. No entanto, depois de reunidas em livro – Crônicas de Cidadezinha – o poeta “foi descansar” e deixou-nos desolados, com água na boca. Claro que a fonte não secou. Com certeza, belas e substancias crônicas estão por vir. Mesmo porque, quem escreveu “Nhá Dita” ou “Carta ao Caminhoneiro”, entre outras, tem potencial para continuar nos presenteando com mais textos de qualidade similar. Assim como todos passavam pela Nhá Dita para “um dedinho de prosa”, também nós passamos estes anos todos empenhados num dedinho de beleza e luz saído mensalmente das folhas de O ESTAFETA. Há anos vagamos por suas páginas em busca daquele que deu alma, melhor dizendo, daquele que captou a alma do lugar, sem a ferir, sem magoá-la.

A hora é agora. Estamos esperando, professor Francisco Máximo Ferreira Netto.

Cleuza Martins de Carvalho





Patrimônio e preservação

“Mais do que qualquer arte, a arquitetura está ligada indissolivelmente com a vida, o caráter, o ser moral de uma nação e de uma época” (J.A.Sismonds).

Quando se pensa em patrimônio arquitetônico, a primeira ideia que nos vem à mente é a de um prédio antigo, cujas origens, muitas vezes, desconhecemos e que um grupo de pessoas acha por bem preservar.

O conjunto arquitetônico de uma cidade ou mesmo edifícios isolados são registros na paisagem, deixados ao longo dos tempos por gerações que, vencendo diferentes obstáculos, nos legaram, não sem muitos esforços, um pouco de sonho, de progresso e um tanto de história. Temos o dever moral de preservá-los.

No entanto, a vida moderna, rápida e descartável, nos afasta de nossas referên-

cias e da nossa história, levando-nos a desprezar o antigo. É preciso que aprendamos a conviver com o novo, sem preterir o passado. Para isso, é imperativo que se invista em educação e cultura, incutindo nos jovens o respeito pelos nossos predecessores e pelas obras por eles edificadas.

Destruindo as bases materiais de sustentação de nossa memória – a natureza, a geografia e a história –, consequências desastrosas ocorrerão sobre a qualidade do meio ambiente e a conservação do nosso patrimônio cultural.

É indispensável que se pense muito antes de se destruir, antes de rasgar documentos, demolir prédios ou acabar com a natureza. É nosso dever, uma vez estudadas as características dos prédios antigos e as suas possibilidades de utilização, integrá-los den-

tro do contexto urbano contemporâneo. A reciclagem fará com que adquiram uma nova importância e sejam integrados cada vez mais ao meio, carregados de simbologia.

Sinal de evolução e civilidade, a preservação do patrimônio cultural é aferida segundo o grau de consciência de cada um de nós. Omite-se quem tem consciência da importância do patrimônio, mas cruza os braços e espera que o imóvel venha a tombar pela ação do tempo.

Um olhar retrospectivo por nossa Piquete nos mostra desrespeito, falta de interesse, de amor e civismo pelo nosso patrimônio, seja ambiental ou arquitetônico. Muitos prédios que tiveram intensa e importante utilização hoje são espectros de um passado glorioso. Urge revitalizá-los.

As idades do ser humano

Até os 25 anos, o ser humano é um aprendiz. Obedecendo aos dons que a natureza lhe deu, dedica-se a uma área do conhecimento e apenas observa as outras de passagem.

Dos 25 aos 30 anos, toma seu lugar na sociedade, forma seu círculo de amigos, decide sua vocação. As mulheres que desejam ser mães têm de apressar-se para conformar-se ao aconselhamento médico. Também a turma da pós-graduação e do pós-doc. vai-se desdobrar se não quiser perder esta fase.

Aos 35, deve estar pronto para criar e fazer valer as regras da vida social como profissional e como cidadão. Vai às reuniões do Sindicato, vai protestar nas Praças e Assembleias, vai vigiar a atuação de seus representantes.

Aos 55 começa a sair de cena. Devagarinho vai passando as responsabilidades da empresa aos filhos; nas firmas, vai transferindo conhecimento e truques aos funcionários mais interessados de tal modo que a vida continue sem solavancos.

Aos 65 deve estar pronto para pendurar as ferramentas e ficar à disposição de alguém que precise de seus conhecimentos.

O que a sociedade não se deve permitir é explorar o ser humano. Não deve sobrecarregar o jovem durante o seu aprendizado nem exigir que o idoso trabalhe quando já está perdendo as forças.

Também se deve evitar a tática do cobertor curto: se os idosos permanecerem mais tempo nas empresas, faltarão vagas para os jovens iniciarem sua carreira profissional.

A população do Planeta não pode continuar crescendo sem controle.

As contribuições dos trabalhadores não vão ser suficientes para financiar as Aposentadorias e Pensões.

Muito dinheiro é desperdiçado no mundo. Salários vultosos são atribuídos a quem poucos benefícios traz à sociedade.

Um Fundo com muitas Fontes – desde muitas até loterias – poderá garantir as aposentadorias e pensões tendo em vista o aumento da expectativa de vida em todo o Planeta.

A velhice tem duas faces: a física e a psicológica (mental e intelectual).

Um electricista de 60 anos pode estar habilitado a trabalhar com fios de alta tensão; mas pode não ter mais agilidade para realizar a operação no alto de postes ou torres.

Da mesma forma, um sacerdote católico que tenha perdido o controle das mãos não pode celebrar a missa sozinho, porque corre o risco de deixar cair as espécies já consagradas.

Na face psíquica, a memória lenta é o fator que mais dificulta a atividade.

O importante não é o aumento da expectativa de vida da população.

O importante é que a população chegue à velhice com saúde, cercada de serviços públicos de boa qualidade.

Para isso é necessário que, na infância, na juventude e na maturidade, tenha alimentação adequada e atendimento médico.

Tivemos o prazer de acompanhar a vida digna e operosa de Oscar Niemeyer.

Estamos festejando a trajetória centenária da artista Tomie Otake.

Mas é sempre bom lembrar que os humanos não são feitos de aço.

Quando aplaudimos a aparente “incansável luta” pela justiça do maestro Daniel Barenboim, de Bento XVI e do Dalai Lama, temos de pensar que são feitos de músculos e neurônios como nós.

Abigayl Lea da Silva